

O SILÊNCIO NO ABUSO SEXUAL INFANTIL, SUAS CONSEQUÊNCIAS E POSSIBILIDADES NO ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO

Tatiane Maria Oripa Tirabassi¹

Vinicius Novais G. de Andrade²

Bruno Fiuza Franco

RESUMO: O abuso sexual infantil não é um fenômeno recente, ele figura na história da cultura moderna e ocidental, e hoje é estabelecido como crime a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Esse artigo tem o objetivo de conceituar o abuso sexual infantil, seus processos de silenciamento e seus efeitos na fase adulta. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura científica oriunda de livros, dissertação de mestrado e artigos acessados, sistematizados e analisados a partir das bases de dados: *SciELO* e *Google Scholar* com os seguintes descritores: abuso sexual na infância; abuso sexual intrafamiliar e extrafamiliar; abuso sexual e silenciamento; abuso sexual e consequências psicológicas. Os resultados da pesquisa possibilitaram construir conhecimento sobre o silenciamento e revelação do abuso sexual na infância e vida adulta: contribuições da Psicologia. Concluímos que o abuso sexual contra crianças não data da contemporaneidade, que os abusos muitas vezes são perpetrados pelos próprios familiares, existindo, portanto, uma relação de dependência entre agressor e vítima. Há também uma imposição de silêncio por parte dos abusadores e a prática do silêncio como forma de proteção da própria criança, o que permite afirmar que as consequências negativas para a vida adulta podem ser severas. Concluímos, também, que a psicologia pode intervir na direção de elaborações dessas situações vividas.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso Sexual infantil. Psicologia. Violência. Silenciamento.

1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual infantil é um fenômeno recorrente em diversos contextos, inclusive os familiares. As literaturas especializadas no tema demonstram que esta recorrência é também diretamente responsável por levar ao silenciamento da vítima na infância, devido às dificuldades de denúncia envolvidas no ambiente familiar, produzindo consequências negativas para a vida adulta. Nessa fase, observam-se prejuízos na saúde mental e social para aquele que sofreu o abuso na infância e não foi acolhido em seu sofrimento e que acaba por permanecer em silêncio sobre suas situações de abuso (FLORENTTINO, 2015).

¹ Centro Universitário Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail: tattytirabassi@gmail.com.

² Doutor em Psicologia pela PUC-GO. Professor do Centro Universitário Alfredo Nasser, Coordenador do curso de Psicologia e orientador desta pesquisa.

Ao identificar o silêncio que perpassa muitas situações de abuso sexual infantil é possível que a psicologia seja um importante instrumento de intervenção e minimização de prejuízos, tanto na saúde mental quanto no contexto social, dos sujeitos que foram vítimas deste tipo de violência. Cabe ressaltar que essas violências estão fundamentadas em ambivalências, ou seja, uma mistura de afetos no psiquismo das crianças, pois a maior parte dos casos de abuso sexual na infância e adolescência parte de pessoas que possuem ligação direta com as vítimas e que exercem algum tipo de poder/dependência sobre elas. Por vezes os abusadores possuem laços de consanguinidade, o que configura prática de incesto (PFFEIFER; SALVAGNI, 2005; ZONNATA; CASTRO, 2020).

Pesquisas apontam que quando a prática das violências ocorre por parte de pais, avós, tios, primos e irmãos, ela é considerada de maior dano para a vida adulta, tendo em vista a maior relação de proximidade (PFFEIFER; SALVAGNI, 2005; ZONNATA; CASTRO, 2020). Nestes casos, os traumas são maiores exatamente porque os que abusam, na maior parte das vezes, são aqueles de quem são esperados comportamentos de afeto positivo e proteção.

Entretanto, com os cuidados adequados os impactos negativos tanto para a infância quanto para a vida adulta são minimizados (HERSHKOWITZ *et al.*, 2007). Assim, essa pesquisa tem o objetivo de conceituar o abuso sexual infantil, seus processos de silenciamento e seus efeitos na fase adulta.

2 METODOLOGIA

Este trabalho se fundamenta como uma revisão narrativa de literatura científica. De acordo com Casarin *et al.* (2020, p. 1), este tipo de metodologia

É uma forma não sistematizada de revisar a literatura. É importante para buscar atualizações a respeito de um determinado assunto dando ao revisor suporte teórico em curto período. Também pode ser útil na descrição do estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Como a RN inclui um processo mais simplificado de revisar a literatura, a questão de pesquisa pode ser mais ampla ou pouco específica e abordar um tema de forma livre.

Para essa investigação foi realizado um levantamento bibliográfico, utilizando-se como descritores: abuso sexual na infância; abuso sexual intrafamiliar e extrafamiliar; abuso sexual e silenciamento; abuso sexual e consequências psicológicas. Os portais de pesquisa que

utilizados foram o *SciELO (Scientific Electronic Library Online)* e *Google Scholar (Google Acadêmico)*. Os dados foram levantados segundo as produções acadêmicas relativas aos anos de 2000 a 2021 em língua portuguesa, de maneira que sempre que foi possível optou-se por uma literatura mais atualizada. Além dos dados coletados em plataformas de pesquisas como as já citadas, também foram acessados livros, monografias e dissertações de mestrado cuja temática se compatibilizou com o tema ora proposto.

A partir dos textos selecionados, sistematizados e analisados, construiu-se a revisão narrativa sobre o abuso sexual na infância e a vida adulta, suas consequências e possibilidades pela Psicologia.

3 DISCUSSÕES, RESULTADOS E/OU ANÁLISE DE DADOS

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002, s/p), a violência infantil é caracterizada pelo: “Uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”.

Chauí (1998) aponta que a violência é, também, caracterizada em situações em que o ser pensante é coisificado ou objetificado por outrem, o qual desconsidera sua liberdade de expressão nos mais diversos sentidos. Assim, há a produção de uma relação de apagamento, que limita e nega a autonomia, a liberdade deste outro ser que pensa, sente e deseja (ANDRADE, 2012).

Ainda sob a ótica de Chauí (1998, p. 432),

Diferentes formações sociais e culturais instituíram conjuntos de valores éticos como padrões de conduta, de relações intersubjetivas e interpessoais, de comportamentos sociais que pudessem garantir a integridade física e psíquica de seus membros e a conservação do grupo social.

Na visão de Santos e Dell’Aglío (2010), o abuso sexual ainda é um fenômeno universal sendo este definido como todo e qualquer ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual – com ou sem contato físico, com intenção usar sexualmente qualquer indivíduo sem consentimento, ignorando sua condição de pessoa em desenvolvimento que desconhece o caráter do ato sexual. Entende-se que o abusador, ao se utilizar de crianças ou

adolescentes, as manipula para obter para si satisfação de sujeitos que ainda não atingiram determinado estágio de desenvolvimento. É válido ressaltar que os comportamentos abusivos envolvem desigualdade de poder e de capacidade de discernimento.

Ainda sobre o abuso sexual infantil, Cunha (2021) relata que pode ocorrer tanto no contexto intrafamiliar onde o agressor está ligado à vítima por laços de consanguinidade, como pais, irmãos, avós, tios, ou, por exemplo, quando há traços de afinidade, como padrasto, madrasta e cunhado; ou ainda de responsabilidade, nos casos de guarda, tutela e adoção. Também é possível que se ocorra no contexto extrafamiliar sendo uma pessoa conhecida (e ou desconhecida) da vítima que busca obter vantagens psicoemocionais nesta relação – amigos, vizinhos, profissionais reconhecidos pela vítima (professores, médicos, líderes religiosos) ou pessoas desconhecidas. Nas palavras de Cunha (2021, p. 6), a violência infantil se caracteriza como uma:

forma de violência que acontece dentro do ambiente doméstico ou fora dele, mas sem a conotação da compra de sexo, podendo o agressor ser pessoa conhecida ou desconhecida da vítima. O fenômeno consiste numa relação adultocêntrica, sendo marcado pela relação desigual de poder; o agressor (pais/ responsáveis legais/pessoas conhecidas ou desconhecidas) domina a criança e/ou adolescente, se apropriando e anulando suas vontades, tratando-os, não como sujeitos de direitos, mas sim como objetos que dão prazer e alívio sexual. Podemos conceituar o fenômeno do abuso sexual contra crianças e adolescentes como:

Todo ato de natureza ERÓTICA,
COM ou SEM contato físico,
COM ou SEM uso de força,
Entre um adulto ou adolescente mais velho e uma criança ou adolescente.

Estudos apontam que a maior parte dos casos de abuso sexual ocorridos na infância e adolescência acontece no âmbito familiar, trata-se, portanto, de abuso sexual intrafamiliar, ou seja, efetuado por pessoas que possuem ligação direta com a vítimas e que exercem algum tipo de poder sobre elas. Nestes casos, a prática do incesto, em virtude do grau de parentesco do abusador (pai, avo, tio, primo, irmão), com a vítima, é considerado o causador de maior dano psicológico (PFFEIFER; SALVAGNI, 2005; ZONNATA; CASTRO, 2020).

A partir do discutido, nota-se que o abuso sexual infantil se apresenta como um fenômeno recorrente em alguns contextos familiares, o que pode resultar no silêncio da vítima, basicamente pelo medo e coerção do adulto, trazendo consequências negativas para a vida do abusado. A família que deveria (idealmente na sociedade burguesa) ser o lócus de cuidado, afeto, carinho, torna-se o um lugar de relações mediadas pela violência, pelo medo e pela submissão.

As consequências do abuso sexual podem ser vividas de maneira consciente ou inconsciente na fase adulta, contando com severos prejuízos na saúde mental e social para aquele que sofreu o abuso na infância e não teve o devido acolhimento diante do trauma. Ao escutar esse silêncio, psicólogos e psicanalistas podem fazer intervenções na direção do tratamento dos abusos que podem ter sido traumáticos durante a infância. Esse é um dos compromissos do profissional psicólogo (entendendo, também, que muitos psicanalistas são psicólogos); atuar objetivando saúde mental e eliminação da violência, firmado como um dos princípios do Código de Ética profissional do psicólogo: “II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CFP, 2004, p. 7)”.

A psicanálise é também referida como um importante dispositivo de intervenção pois trata, desde a sua criação, da infância como temporalidade privilegiada de constituição psíquica. Freud, criador deste campo de saber, faz referência às amnésias infantis, as reminiscências das quais os neuróticos sofreriam, conhecidas e elucidadas pela ciência enquanto uma imaturidade funcional da criança sendo incapaz de registrar suas primeiras experiências de vida. Sobre amnésia, Laplanche e Pontalis (1991, p. 52) dizem:

Geralmente cobre os fatos dos primeiros anos de vida. [Para Freud] ela resulta do recalçamento que incide na sexualidade infantil e se estende à quase totalidade dos acontecimentos da infância. O campo abrangido pela amnésia infantil encontraria o seu limite temporal [por volta dos cinco ou seis anos].

Assim, se a psicanálise, por si só, já aponta a fundamentação infantil da vida adulta, ela demonstra ser uma importante forma de escuta do desenvolvimento infantil para as vítimas de abuso sexual nessa etapa.

Cabe ressaltar, ainda, sobre a importância da investigação dos elementos que colaboraram para a inibição da revelação do abuso, pois dessa forma o tratamento adequado pode funcionar como atenuantes, possibilitando assim a diminuição da revitimização e o impacto negativo das situações que seguem após o rompimento do silêncio do abuso (HERSHKOWITZ *et al.*, 2007). O profissional da psicologia deve estar munido de instrumentos para identificar os padrões para a inibição ou para a exposição dos abusos sexuais, que apresentam especificidades tanto para reconhecimento quanto no tratamento dessas consequências decorridas dos abusos. (DAMACENA; DA SILVA, 2021).

O trauma do abuso sexual infantil não permanece apenas na consciência, mas também na corporeidade, como uma cicatriz pronta para doer, para se manifestar quando surgir qualquer gatilho que desencadeie aquele afeto, muitas vezes nem mesmo reconhecidos pelas vítimas, mas que se faz sempre presente de forma inconsciente. Essas revivescências, por sua vez, podem provocar prejuízos à saúde mental e social (SALOMON, 2013), por isso é necessário que aconteça o auxílio efetivo do profissional psicólogo ou psicanalista.

A partir da premissa de que os afetos relacionados ao abuso sexual permanecem latentes, como amnésia em suas bases de sofrimento e prazer inconscientes, é necessário propiciar ações interventivas em prol deste sujeito que sofre. Logo o psicólogo ou psicanalista em seu *setting* psicoterapêutico, acompanha o paciente rompendo o seu silêncio, dando lugar, e, portanto, voz, para nomear seus afetos até então “desconhecidos” por serem mantidos como uma espécie de segredo para si mesmo e para os outros (FREUD, 1901-1905/2017).

Conforme Fochesatto (2011, p. 197): “pertence a paciente Anna O. a expressão ‘a cura pela fala’ e [Freud] empregou o termo ‘limpeza de chaminé’ ao referir-se ao tratamento que lhe foi dado por meio da palavra”, a *talking cure*. Foi um momento histórico de produção da teoria psicanalítica, bem como das observações clínicas, ímpares, uma vez que se tornava mais e cada vez mais evidente a importância da fala no tratamento psicanalítico, qualquer que fosse a afecção dos pacientes, o que perfeitamente seria possível nos casos de abuso sexual vivido na infância, narrado e articulado na análise.

Freud (1901-1905/2017, p. 263) alega:

Quem tem olhos para ver e ouvidos para escutar, logo se convence de que os mortais não são capazes de esconder segredo algum. Quem silencia com os lábios, fala com a ponta dos dedos; delata-se por todos os poros. Por isso, a tarefa de tornar consciente as coisas mais ocultas da psique é perfeitamente exequível.

Daí a ideia de que a psicanálise pode ser considerada a cura pela fala, e que não conseguimos esconder ‘segredos’ inconscientes, pois estes não cessam de comparecer em análise. Portoloni e Sciarra (2020, p. 122) expõem:

Assim sendo, o tratamento psicanalítico, diante do abuso sexual infantil (trauma), apoia-se em princípios norteadores de uma ética de cuidados na clínica, sendo eles: a empatia; a hospitalidade e a saúde do analista para acolher os movimentos espontâneos e agressivos do cliente.

Sintetizamos, portanto, que ao oferecer lugar para falar, oferece-se ao mesmo tempo o acolhimento das demandas daquele “adulto-criança”, ou seja, daquele adulto que carrega as

cicatrizes dos abusos sexuais sofridos na infância. Isso torna possível a ressignificação destes “afetos”, das violências e traumas da infância, os quais reverberam na adulta mostrando danos à saúde mental.

4 CONCLUSÕES

Esse artigo teve o objetivo de conceituar o abuso sexual infantil, seus processos de silenciamento, seus efeitos na fase adulta e as contribuições da Psicologia e Psicanálise, uma temática que se mostra complexa, envolta de silêncios induzidos que acabam por provocar severas consequências para a saúde mental.

Concluimos que é possível afirmar que o abuso sexual infantil é um fenômeno complexo e de difícil acesso, pois encontra-se em grande parte vivido no seio familiar que, conforme discutido, é uma instituição que se mostra fechada em si mesma e sem grande possibilidade de acesso a qualidade de suas relações. Concluimos também que os efeitos do abuso sexual infantil na vida adulta podem ser danosos, mas que a Psicologia e a Psicanálise possuem condições de acompanhar sujeitos que sofreram essas violências e auxiliá-los, apoiando-os no processo de elaborações psíquicas, que objetivam minimizar o sofrimento vivido.

Finalizamos apontando que é perceptível a necessidade da continuação de estudos e pesquisas buscando trazer à luz temas referentes à temática aqui estudada, algo secularmente ocorrido e que claramente traz severos prejuízos as crianças e adultos da presente geração como consequências de abusos sexuais

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vinícius Novais Gonçalves de. **As falas dos atendedores do Disque 100 sobre a escuta das denúncias de abuso sexual contra crianças e adolescentes**. 182f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

CFP. **Código de Ética do Profissional**. Conselho Federal de Psicologia, 2004.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, Maurício. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes** - Abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional. Brasília-DF. Secretaria

nacional dos direitos da criança e do adolescente. 2021. Disponível em:
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/CartilhaMaioLaranja2021.pdf>.
Acesso em: 15 out. 2021

CASARIN, Sidnéia Tessmer *et al.* Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do *Journal of Nursing and Health*. *J. nurs. Health*, UFPel, v. 10, n. 5, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19924/11996>. Acesso em: 12 mar. 2021.

DAMACENA, Dayane Stefany Silva; DA SILVA, Gabriela Gonçalves. **O uso da ludoterapia em caso de abuso sexual contra crianças**. Monografia (Bacharelado em Psicologia) - Centro Universitário UMA, Cidade Universitária, Belo Horizonte - MG, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14734/1/TCC%20Final%20-%20O%20USO%20DA%20LUDOTERAPIA%20EM%20CASO%20DE%20ABUSO%20SEXUAL%20CONTRA%20CRIAN%20c3%87AS%20%284%29.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2021.

FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: Um Caso de Histeria**. Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1901-1905/2017.

FREUD, S. O esclarecimento sexual das crianças. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 9. Rio de Janeiro: Imago. 1976. p. 135-144. (Originalmente publicado em 1907).

HERSHKOWITZ, I.; LANES, O.; LAMB, M. E. *Exploring the disclosure of child sexual abuse with alleged victims and their parents*. *Child Abuse Negl.*, v. 31, n. 2, p. 111-23, feb. 2007. DOI: 10.1016/j.chiabu.2006.09.004. PMID: 17316793. Acesso em: 20 abr. 2021.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1991. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Laplanche-e-Pontalis-Vocabulario-de-Psicanalise.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 5. ed. Campinas-SP: Papyrus, 1987.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial de Saúde, 2002.

REZENDE, Stéfany Jaqueline. As cicatrizes: Impactos na vida adulta do abuso sexual infantil. **Raízes no Direito**, v. 2, n. 1, p. 87-100, 2013. Disponível em:
<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/raizesnodireito/article/view/663>. Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, Samara Silva dos; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicologia & sociedade**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 328-335, aug. 2010. Disponível em:
www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200013. Acesso em: 01 fev. 2021.